



## GÊNERO, CORPO E TATUAGEM

Julyana Vilar de França Manguinho<sup>1</sup>

### *Introdução*

O presente artigo tem como objetivo trazer a discussão acerca das marcas corporais na sociedade contemporânea, principalmente a tatuagem. Através do desenvolvimento de um trabalho de campo, percebi que o público majoritário da tatuagem são as mulheres. Portanto, trarei um recorte de gênero para problematizar algumas referências sobre o assunto. Analisaremos os envolvidos com a tatuagem, os tatuados e os tatuadores, bem como, o espaço urbano em que são feitas essas marcas corporais, os estúdios de tatuagem. Entendendo que se faz necessário compreendermos esses lugares, pois assim, descobriremos algumas relações sociais que não estão tão aparentes. Para finalizar, relatarei duas narrativas de mulheres que iriam se tatuar, que, através delas poderemos discutir um pouco sobre autonomia corporal feminina.

### *Tatuagem, tatuados e tatuadores*

As marcas corporais não são uma invenção das sociedades contemporâneas, desde os primórdios existem indícios de que o homem marcava seu corpo, seja por tatuagens ou por escarificação<sup>2</sup>. O “homem do gelo”<sup>3</sup> que viveu no período Neolítico, ou seja, há aproximadamente 5.300 a.C., já apresentava modificações no corpo, uma cruz abaixo do joelho esquerdo e faixas no tornozelo direito, que eram tatuagens. Os índios brasileiros e os nativos da Nova Zelândia também marcam seus corpos, no entanto, nesse artigo não irei detalhar essas formas de modificações, me concentrarei nas tatuagens feitas por máquinas de tatuar, as que vemos estampadas nos corpos nas ruas, ou seja, as tatuagens urbanas. No qual, os indivíduos na contemporaneidade se utilizam dessas formas de marcas corporais para se expressarem e para demarcarem que aquele “corpo lhe pertence”, como nos diz LE BRETON “Já não se trata de se contentar com o corpo que se tem, mas de modificar os seus fundamentos para o completar ou torná-lo conforme a idéia que se faz dele” (2004; 8).

---

<sup>1</sup> PPGAS/ UFRN.

<sup>2</sup> Técnica que consiste em retirar um pedaço da pele utilizando um bisturi, a cicatriz fica para sempre.

<sup>3</sup> Ele foi encontrado em 1991, entre a Itália e a Áustria, e por estar numa região gelada, ele estava em bom estado de conservação, no qual, podiam ser verificadas as tatuagens no seu corpo.



O processo da tatuagem é doloroso<sup>4</sup> e dura cerca de 1 hora, isso vai depender do tamanho do desenho e dos detalhes que ele possua. Há locais que doem mais do que outros, e os homens são os que menos demonstram a dor que estão sentindo quando tatuados, segundo OSÓRIO (2006; 195):

É interessante que os relatos sobre ter ou não ter coragem são sempre de mulheres. Está implícito aqui uma variável de gênero que seria constitutiva da própria masculinidade: a coragem é um atributo masculino. Ela pode faltar às mulheres, mas jamais aos homens. Mesmo quando o tatuador alerta que a região do corpo é dolorosa jamais um homem remete à sua falta de coragem.

Outras diferenças de gênero observadas com relação a tatuagem, são que o público é majoritariamente feminino (LEITÃO, 2002; OSÓRIO, 2006). E que os desenhos, locais e tamanho variam em relação a homens e mulheres (OSÓRIO, 2006).

É importante pensar o passado da tatuagem, não para legitimar sua prática no presente, mas para compreendermos um pouco sobre seus significados e representações. Existem dois momentos cruciais para a tatuagem, o primeiro, foi o encontro dos marinheiros europeus com os nativos tatuados do Pacífico Sul, no século XVIII. Esse encontro trouxe para o ocidente as técnicas, usos e disseminação da tatuagem, que perduram até hoje, com algumas modificações e aprimoramentos, porém, a essência do processo é a mesma.

Nesse primeiro momento, os marinheiros aprenderam à técnica da tatuagem e se tornaram os primeiros tatuadores da Europa. E seus clientes foram primordialmente os próprios marinheiros e as prostitutas que freqüentavam o porto, lugar onde foram instalados os primeiros estúdios de tatuagem no ocidente. Da mesma forma, a tatuagem chegou nas outras partes do mundo, através dos navios, permanecendo nos portos e com a mesma clientela, assim também foi no Brasil, no Porto do Rio de Janeiro.

O segundo momento foi na década de 80, com os movimentos de contracultura: os hippies, motoqueiros e punks, havendo então uma proliferação maior da tatuagem nesses segmentos. Esses movimentos eram relacionados com o uso de drogas e uma atitude contestatória frente os padrões estabelecidos pela sociedade capitalista, por outro lado, eles se demonstravam autênticos nas suas idéias e tinham uma consciência corporal bem aguçada, “*meu corpo me pertence*”.

O perfil dos tatuados de hoje não tem nada a ver com esses dois momentos descritos, e sempre que se fala em tatuagem fala-se do “antes” e do “depois”, fazendo sempre uma referência ao seu passado, digamos que, marginal<sup>5</sup> e seu presente diferente (OSÓRIO, 2006; 35). Além do que, os

---

<sup>4</sup> Essa dor sentida e externalizada é subjetiva, já que tem uns que demonstram sentir prazer no momento da tatuagem e outros que sofrem com a dor sentida.

<sup>5</sup> O primeiro momento da tatuagem a clientela era composta por marinheiros e prostitutas e no segundo momento por “rebeldes” do movimento de contracultura.



tatuados hoje não formam um grupo, portanto não podemos classificá-los e nem tampouco falar em características em comum, só na marca corporal que eles possuem.

É importante falar sobre esse passado da tatuagem, porque hoje em dia, quando se fala do preconceito com relação a tatuagem, se relaciona com esse passado. Principalmente com as mulheres, que, em algumas situações, são vistas ou comparadas com prostitutas, tendo essa comparação um cunho depreciativo. Como nessa música de forró, bem executada pelas rádios de Natal<sup>6</sup>:

Você passou dos limites,  
Tava dando bola até pro meus amigos  
Fazendo escola  
Em mesa de bar,  
Fez uma tatuagem,  
Frequentou lugares  
Que nem prostituta se vai frequentar.  
Não vou perdoar,  
Eu não vou voltar atrás  
eu já sofri demais.

Nessa música o autor/ cantor fala que sua namorada “passou dos limites” e que começou a ter um comportamento que para ele era reprovado, como “frequentar mesa de bar e dar bola pros amigos dele”. Dentro desse contexto, para ele não aceitável, há também a tatuagem que a namorada fez, reforçando que essa marca corporal faz parte desse universo “fora da ordem”, que não está de acordo com o comportamento aceitável para as mulheres, onde ela “passou dos limites” permitidos pela sociedade.

A relação que se faz entre a mulher tatuada e a prostituição<sup>7</sup> não pode ser visto só pela associação com o passado da tatuagem, passado esse “marginal”, pois no primeiro momento eram os trabalhadores dos Portos e as prostitutas que se tatuavam e num segundo momento, os integrantes dos movimentos de contracultura. Essa associação deve ser vista também dentro de uma perspectiva de corpo, de autonomia corporal. Porque tanto a prostituta como a tatuada detém o “total”<sup>8</sup> domínio do seu corpo, elas fazem uso de seu corpo como querem. E isso sim está “fora da ordem”, existe todo um discurso valorativo de dominação em cima do corpo da mulher, e se você se dispõe a transgredi-lo, seja usando seu corpo como trabalho ou fazendo uma tatuagem, você está sujeito a ser estigmatizado. Como nos diz DA MATTA, “as mulheres estão, como os criados e os empregados, sob o controle dos homens, numa escala hierárquica” (1985; 47)

<sup>6</sup> Aqui em Natal/RN o forró eletrônico é bem conhecido pelas pessoas, podemos falar que esse é o ritmo que predomina nas rádios e festas daqui.

<sup>7</sup> Essa relação é bem observada em campo, nas falas das possíveis tatuadas, mais na frente falarei sobre dois casos.

<sup>8</sup> Coloquei entre aspas porque esse controle do seu próprio corpo não é exercido de uma forma total, existe valores culturais e sociais e que influenciam na escolhas subjetivas de cada um



### *Entrando num estúdio em Natal/RN*

Para compreendermos as relações que se estabelecem dentro de um estúdio de tatuagem, local pelo qual as subjetividades dos tatuados ficam mais aparentes<sup>9</sup>. Temos que observar como é a morfologia do espaço, e como as pessoas se relacionam dentro desses ambientes. Entendendo que, são os sujeitos que (re)configuram as estruturas e que se analisarmos tais locais, teremos um conhecimento de como e quem são os indivíduos envolvidos. Como defende MAGNANI (1996; 39): “na realidade são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam tais espaços”.

O estúdio em que iniciei<sup>10</sup> a pesquisa fica localizado num Shopping Center. Ele possui uma excelente estrutura<sup>11</sup>, as cores são em preto, branco e vermelho. Nas duas paredes laterais do estúdio, encontramos duas fotos, relativamente grande, de mulheres tatuadas, uma com uma fênix no braço e a outra com uma carpa na perna. O fato de serem mulheres representadas nas fotos não é por um acaso, podemos então refletir sobre essa escolha: primeiro, porque o universo da tatuagem é majoritariamente composto por mulheres, representando 70% dos tatuados; segundo, que por estar dentro de um *shopping center*, o apelo publicitário seja mais direcionado às mulheres, visto que, elas representam uma parcela maior de consumidores; e terceiro, é que o corpo da mulher ainda é visto como símbolo sexual, como algo belo e digno de ser admirado, diferente do corpo masculino.

São quatro tatuadores e um piercer<sup>12</sup>, todos do sexo masculino e três recepcionistas, que são mulheres. Há uma divisão de gênero nessa configuração, ficando os homens com o trabalho da tatuagem, tanto de manusear as máquinas, quanto de fazer o desenho no papel e tatuar. E as mulheres ficam com a parte de arrumar e limpar o estúdio, atender os clientes e administrar as finanças. Observamos que existe uma hierarquia nessa divisão ficando o trabalho socialmente mais reconhecido para os homens e o menos valorizado para as mulheres. Muito embora, tenha notado que as funcionárias não se sintam desempenhando um trabalho inferior, os tatuadores valorizam muito o trabalho delas e reconhecem que sem a organização delas o estúdio não funcionaria tão bem.

Na sala de espera, há algumas cadeiras, uma estante com os catálogos dos desenhos de tatuagem e um balcão onde fica a recepcionista. É nesse local que as trocas acontecem, pois é nesse

---

<sup>9</sup> Falo isso porque é num estúdio de tatuagem que, como pesquisadora, encontrei uma maior abertura para se falar sobre o assunto

<sup>10</sup> As considerações que faço nesse artigo é o início da minha pesquisa para a dissertação de mestrado

<sup>11</sup> Isso é importante, pois os tatuados de hoje são extremamente preocupados com a aparência do local onde vão se tatuar

<sup>12</sup> Profissional que coloca piercing.



momento que os possíveis<sup>13</sup> tatuados procuram seus desenhos, seja nos catálogos ou no computador. Sempre acontece de alguém perguntar: “o que você acha dessa tatuagem?”, principalmente as mulheres. Diversas vezes me perguntaram sobre os desenhos, não só para mim, mas para quem estar por perto, seja um amigo ou familiar, o tatuador, a recepcionista. Enfim, mais uma vez reforçando que a opinião do outro é importante para se fazer uma tatuagem, que é uma decisão individual, mas que perpassa por questões culturais e coletivas.

É nesse espaço também que as conversas são compartilhadas, seja em relação a dor ao ser tatuado, ao preconceito que ainda exista ou mesmo o significado da tatuagem que irá fazer. Observamos que as mulheres são as que mais ficam na sala de espera e que, portanto, são as que mais compartilham as suas experiências. Esse é o espaço da sociabilidade num estúdio de tatuagem.

### *Pensando gênero na tatuagem*

Entendemos gênero como algo construído culturalmente e que não pode ser associado com a binaridade produzida pela anatomia corporal dos sexos. “O termo convencionado (gênero) significa a dimensão dos atributos culturais alocados a cada um dos sexos em contraste com a dimensão anatomofisiológica dos seres humanos” (HEILBORN, 2004; 19). E que, as características relacionadas a cada gênero, ora pode ser reiterada ora pode ser modificada pelos sujeitos, assim como defende BENTO:

É a repetição que possibilita a eficácia dos atos performativos que sustentam e reforçam as identidades hegemônicas, mas também são as repetições descontextualizadas do “contexto natural” dos sexos, que possibilitam a emergência de práticas que interrompam a reprodução das normas de gênero (BENTO, 2006; 133)

No caso da tatuagem, existem as que reforçam os padrões reconhecidos socialmente como feminino e masculino. E há também as que desconstruem essas idéias, fazendo com que as margens de diferenciação entre um gênero e outro passem por uma borragem e ultrapassem os conceitos cristalizados entre o ser homem e mulher. No entanto, nesse artigo eu priorizei os atos que reiteram a construção dos corpos, mas que essa opção foi puramente metodológica.

Através de algumas observações em campo aqui em Natal/RN, constatei que as mulheres formam o público majoritário de um estúdio de tatuagem, acentuando ainda mais esse dado pelo fato desse estúdio ficar localizado num *shopping Center*, e que os tatuadores afirmam que tatuam mais mulheres do que homens. Quando perguntei para o tatuador quem ele prefere tatuar, se homem

---

<sup>13</sup> Falo em “possíveis tatuados” porque nem todos que estão ali vão se tatuar, uns estão conhecendo o estúdio, outros vieram para ver os desenhos e conversar com o tatuador e alguns são amigos dos tatuados ou tatuadores.



ou mulher, ele me disse que acha melhor os homens porque as tatuagens masculinas são maiores e possuem mais detalhes, existindo então um certo ar de prestígio para as tatuagens masculinas com relação as femininas. Muito embora, sejam as mulheres a sua maior clientela.

Os desenhos também sofrem uma variação entre os dois gêneros. No qual, as mulheres tatuam mais borboletas e flores, ou seja, desenhos mais delicados e denotando uma certa fragilidade. E os homens preferem os dragões e os tribais<sup>14</sup>, que estão de acordo com a construção da masculinidade na nossa sociedade, demonstrando garra e agressividade. O local preferido pelos homens são os braços e as costas, mais uma vez reforçando a sua idéia de masculinidade através do seu corpo, pois braços e costas são locais que estão relacionados com a força, e as mulheres tatuam mais o pé, ombros e nuca, que são locais sensuais.

Entre as mulheres também há uma predominância das tatuagens como forma de homenagem, tatuando o nome dos filhos, ou do pai e da mãe, como também dos maridos ou namorados. Mesmo que, através da tatuagem a mulher exerça, de uma certa forma, sua autonomia corporal, demonstrando que aquele “corpo lhe pertence”, dessa forma, através da tatuagem em homenagem, ela estaria associando seu corpo a uma outra pessoa.

E nesse estúdio, pude observar um número considerável de pessoas que querem cobrir suas tatuagens, fazendo outra em cima da antiga. Demonstrando assim, que a tatuagem passou por um processo de resignificação.

Com as visitas ao estúdio de tatuagem conversei com algumas mulheres que iriam se tatuar, não pude dialogar com homens porque eles passam pouco tempo na sala de espera. Esse fato se deve a alguns fatores, como: a mulher estar mais “aberta” a conversar, “a fofoca é coisa de mulher”; o homem não tem tempo suficiente para “gastar” esperando o momento da tatuagem e também porque esse estúdio está localizado num *shopping Center*, que para muitos, é um lugar predominantemente feminino. Por esses motivos, as duas narrativas que apresentarei aqui são só com mulheres:

**Cliente 01:** Uma mulher, aparentando ter uns 40 anos, com três filhas (todas já tinham tatuagem), iria tatuar um coração no ombro. A sua primeira frase foi: “Meu marido não vai gostar dessa tatuagem”. Perguntei porque e ela me disse que “toda vez que vamos na Rua do Salsa<sup>15</sup> ele olha pras vagabundas e mostra que elas têm tatuagens”. Depois, no decorrer da conversa ela me disse que havia se separado de um casamento anterior, que seu ex-marido lhe “dava de tudo”<sup>16</sup> mas

<sup>14</sup> É um estilo de tatuagem que possui formas ora retas ora circulares e que são todas cobertas pela cor preta.

<sup>15</sup> Esse é um local onde algumas prostitutas frequentam

<sup>16</sup> Fazendo uma referencia ao fato de que o ex-marido lhe sustentava financeiramente



que não o amava. Com esse é diferente, ela o ama, mas ele não a sustenta financeiramente. Como ela tem seu próprio negócio, é ela quem trabalha para ganhar seu dinheiro, por isso que, segundo ela, pode se tatuar. “Eu nem ligo se ele não vai gostar, eu sou independente, ganho meu dinheiro!”

Nesse caso, podemos pensar por dois enfoques. O primeiro, é a associação feita pelo marido entre tatuagem e prostituição. Essa relação não leva em consideração só o passado da tatuagem, em que os marinheiros e as prostitutas foram os primeiros a se tatuarem. Mas também, a prostituta detém o domínio sobre o seu corpo, e a mulher fazendo uma tatuagem, estar demonstrando que também possui uma certa autonomia corporal. Além do que, essa associação feita pelo marido também tem um teor depreciativo, já que, chamar alguém de “puta”, “prostituta” ou “rapariga” é uma ofensa verbal em nossa sociedade. E então, relacionar a tatuada com a prostituta é uma forma de estigmatizar e desvalorizar.

O outro enfoque é o da independência financeira ressaltada pela mulher. Para ela, o fato da mesma ter como se sustentar, isso faz com que ela possa exercer sua vontade frente a reprovação do marido. Como também, houve uma mudança de status na vida dessa mulher, antes casada com um marido que lhe sustentava e que ela não amava, sendo agora diferente. Por isso, essa transformação na sua vida foi marcada através de tatuagem, que ficará para sempre na sua pele, e será relacionada com esse momento da sua vida.

**Cliente 02:** Uma mulher, aparentando ter 37 anos, com 3 filhos, iria tatuar a palavra “vida” no punho. Ela chamava muito atenção na sala de espera porque ela não parava de falar, e uma das suas frases foi “Meu pai vai me matar!”, perguntei o que ele fala sobre tatuagem e ela disse que nada, quem fala é a mãe dela. “Antes de sair de casa minha mãe disse que eu só faltava tatuar meu cú e que isso era coisa de puta1”. Depois, ela foi falar que morava com os pais, que não trabalhava e que fazia faculdade de psicologia, mas o pai dela queria que ela fizesse direito.

Nesse caso, houve repetição entre a associação da tatuada com a prostituta. Porém, nesse exemplo, a mulher em questão não possui independência financeira. E, embora o pai dela não tenha verbalizado nada sobre tatuagem, ela acredita que ele não vá gostar. Isso porque, há uma dependência da filha em relação ao pai, e isso, diferentemente da outra, faz com que exista um certo domínio de um em relação ao outro, do homem em relação a mulher. Muito embora, mesmo existindo essa dependência, ela exerceu sua “autonomia” e fez sua tatuagem, foi uma atitude de autonomia frente a um contexto de dependência.

### *Considerações finais*



Através desse artigo e do trabalho de campo, podemos perceber que as marcas corporais nos mostram relações de gênero em todos os seus aspectos: nos desenhos escolhidos, na parte do corpo a ser tatuada, no dor externalizada no momento da intervenção corporal e nas relações hierárquicas estabelecidas num estúdio de tatuagem. Porém, o que mais nos chamou a atenção foram as associações feitas entre a tatuada e a prostituta.

Essa relação se deve, dentre outros fatores, a dominação masculina frente ao corpo da mulher. Dominação essa, que é representada pela figura do pai ou do marido. Dessa forma, o fato da mulher se tatuar, muitas vezes, demonstra o seu lado autônomo frente a essa “subordinação”. Ao se tatuar, a mulher afirma que “esse corpo me pertence”, e eu o utilizo da maneira que eu quero.

Com esse trabalho, percebi a emergência em se pensar o caráter relacional que envolve a tatuagem. Entendendo que, é importante discutir também acerca do papel masculino dentro desses contextos.

### *Referências Bibliográficas*

- BENTO, B. Quando o gênero se desloca da sexualidade: homossexualidade entre transexuais. In: GROSSI, M. P. e SCHWADE, E (org). *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. ABA/Nova Letra: Blumenau/SC, 2006.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- HEILBORN, Maria Luisa. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- LE BRETON, D. *Sinais de Identidade – Tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Lisboa: Miosótis, 2004.
- LEITÃO, Débora Krischke. *O Corpo Ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme. TORRES, Lílian de Lucca. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: *Na metrópole*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.
- OSÓRIO, Andréa. *O gênero da tatuagem: Continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Antropologia) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.